

DIFICULDADES E DESAFIOS DO CORPO DOCENTE, NA INCLUSÃO DO AUTISTA, NO ENSINO FUNDAMENTAL NOS ANOS INICIAIS NA REDE MUNICIPAL DA REGIÃO DE CUBATÃO

DIFFICULTIES AND CHALLENGES FACED BY TEACHERS IN INCLUDING AUTISTIC STUDENTS IN THE EARLY YEARS OF ELEMENTARY EDUCATION IN THE MUNICIPAL SCHOOL SYSTEM OF THE CUBATÃO REGION

DIFICULTADES Y RETOS QUE ENFRENTAN LOS DOCENTES PARA LA INCLUSIÓN DE ESTUDIANTES AUTISTAS EN LOS PRIMEROS AÑOS DE LA EDUCACIÓN PRIMARIA EN EL SISTEMA ESCOLAR MUNICIPAL DE LA REGIÓN DE CUBATÃO

Angélica Aparecida Bertelli de Moraes¹
Rozineide Iraci Pereira da Silva²

RESUMO: A inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ensino fundamental I constitui um dos grandes desafios da educação contemporânea, sobretudo em contextos municipais como o de Cubatão-SP, onde professores enfrentam barreiras pedagógicas, estruturais e formativas. A relevância da pesquisa se justifica pela necessidade de compreender como essas dificuldades impactam a efetividade da inclusão e, consequentemente, o desenvolvimento acadêmico e social dos estudantes. O objetivo central foi investigar as percepções e desafios do corpo docente da rede municipal de Cubatão no processo de inclusão de alunos autistas, partindo da hipótese de que a ausência de formação específica, aliada à escassez de recursos e apoio institucional, compromete a qualidade das práticas pedagógicas. Para tanto, adotou-se uma abordagem qualitativa, exploratória e transversal, baseada em entrevistas semiestruturadas com docentes de três escolas municipais, cujas falas foram analisadas segundo a técnica de análise de conteúdo temática. Os resultados revelaram quatro categorias principais: formação docente insuficiente, sobrecarga de trabalho, estratégias intuitivas de ensino e experiências exitosas. Verificou-se que, embora os professores recorram a práticas improvisadas pela falta de preparo e suporte, a parceria com as famílias e o uso de estratégias criativas podem gerar avanços significativos na aprendizagem e socialização dos alunos com TEA. Conclui-se que a efetividade da inclusão depende de políticas públicas consistentes, investimentos em infraestrutura e formação continuada, de modo a transformar a escola em um espaço verdadeiramente democrático e inclusivo.

5230

Palavras-chave: Autismo. Inclusão escolar. Corpo docente. Ensino fundamental. Estudantes.

¹Mestranda em Educação pela Christian Business School.

²PhD. Doutora em Ciências da educação pela Universidade Federal de Alagoas-UFAL, professora orientadora da Christian Business School-CBS.

ABSTRACT: The inclusion of students with Autism Spectrum Disorder (ASD) in elementary school (grades 1-5) is one of the major challenges of contemporary education, especially in municipal contexts such as Cubatão-SP, where teachers face pedagogical, structural, and training barriers. The relevance of this research is justified by the need to understand how these difficulties impact the effectiveness of inclusion and, consequently, the academic and social development of students. The central objective was to investigate the perceptions and challenges of the teaching staff in the municipal school system of Cubatão in the inclusion process of autistic students, based on the hypothesis that the lack of specific training, coupled with a scarcity of resources and institutional support, compromises the quality of pedagogical practices. To this end, a qualitative, exploratory, and cross-sectional approach was adopted, based on semi-structured interviews with teachers from three municipal schools, whose statements were analyzed using thematic content analysis. The results revealed four main categories: insufficient teacher training, work overload, intuitive teaching strategies, and successful experiences. It was found that, although teachers resort to improvised practices due to a lack of preparation and support, partnerships with families and the use of creative strategies can generate significant advances in the learning and socialization of students with ASD. It is concluded that the effectiveness of inclusion depends on consistent public policies, investments in infrastructure, and ongoing training, in order to transform the school into a truly democratic and inclusive space.

Keywords: Autism. School inclusion. Faculty. Elementary education. Students.

RESUMEN: La inclusión de estudiantes con Trastorno del Espectro Autista (TEA) en la escuela primaria (grados 1-5) es uno de los mayores retos de la educación contemporánea, especialmente en contextos municipales como Cubatão-SP, donde el profesorado se enfrenta a barreras pedagógicas, estructurales y de formación. La relevancia de esta investigación se justifica por la necesidad de comprender cómo estas dificultades impactan la efectividad de la inclusión y, por consiguiente, el desarrollo académico y social del alumnado. El objetivo principal fue investigar las percepciones y los retos del personal docente del sistema escolar municipal de Cubatão en el proceso de inclusión de estudiantes con TEA, partiendo de la hipótesis de que la falta de formación específica, aunada a la escasez de recursos y apoyo institucional, compromete la calidad de las prácticas pedagógicas. Para ello, se adoptó un enfoque cualitativo, exploratorio y transversal, basado en entrevistas semiestructuradas con docentes de tres escuelas municipales, cuyas declaraciones se analizaron mediante análisis de contenido temático. Los resultados revelaron cuatro categorías principales: formación docente insuficiente, sobrecarga laboral, estrategias de enseñanza intuitivas y experiencias exitosas. Se constató que, si bien los docentes recurren a prácticas improvisadas por falta de preparación y apoyo, la colaboración con las familias y el uso de estrategias creativas pueden generar avances significativos en el aprendizaje y la socialización de los estudiantes con TEA. Se concluye que la efectividad de la inclusión depende de políticas públicas coherentes, inversiones en infraestructura y capacitación continua, con el fin de transformar la escuela en un espacio verdaderamente democrático e inclusivo.

5231

Palabras clave: Autismo. Inclusión escolar. Profesorado. Educación primaria. Alumnos.

I. INTRODUÇÃO

A inclusão escolar de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) constitui um dos maiores desafios da educação contemporânea, especialmente no ensino fundamental nos anos iniciais, etapa marcada pelo desenvolvimento das bases cognitivas, sociais e emocionais das crianças. O município de Cubatão, em São Paulo, apresenta um cenário educacional em que professores e gestores precisam conciliar práticas pedagógicas tradicionais com a necessidade de construir ambientes inclusivos, capazes de atender às especificidades dos estudantes autistas.

A problemática central que emerge desse contexto pode ser formulada na seguinte questão: quais são as dificuldades e desafios enfrentados pelo corpo docente das escolas municipais de Cubatão na inclusão de alunos com TEA no ensino fundamental I, e de que forma tais barreiras interferem na construção de um processo educacional inclusivo e equitativo?

Para investigar esse problema, este estudo adota uma abordagem qualitativa, exploratória e transversal, que possibilita compreender, em profundidade, as percepções e experiências dos professores envolvidos no processo de inclusão. A pesquisa se apoia em entrevistas individuais semiestruturadas com docentes de três escolas municipais selecionadas intencionalmente, permitindo a análise de conteúdo temática.

5232

A justificativa para a realização deste estudo reside na constatação de que, apesar dos avanços legislativos e das políticas públicas voltadas à inclusão, persistem lacunas significativas entre o discurso normativo e a prática cotidiana das escolas. Compreender os desafios relatados pelos professores é, portanto, um passo fundamental para a formulação de estratégias mais eficazes de formação docente e de fortalecimento da política educacional no município.

O presente estudo tem como objetivo geral investigar as dificuldades e desafios enfrentados pelos professores da rede municipal de Cubatão na inclusão de alunos autistas no ensino fundamental nos anos iniciais. Como objetivos específicos, busca-se: analisar as percepções dos docentes sobre o processo de inclusão de alunos com TEA; identificar as principais barreiras pedagógicas, estruturais e institucionais enfrentadas nas escolas; examinar as estratégias utilizadas pelos professores para adaptar suas práticas ao contexto inclusivo; verificar o papel do apoio institucional e da formação docente na efetividade da inclusão;

apontar possibilidades de melhoria e caminhos para políticas educacionais mais eficazes no município.

2. METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como qualitativo, exploratório e descritivo. A abordagem qualitativa foi escolhida por possibilitar a compreensão das percepções, significados e experiências dos docentes no contexto da inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A natureza exploratória justifica-se pela busca em aprofundar o entendimento acerca das dificuldades e desafios enfrentados no cotidiano escolar, enquanto o delineamento transversal permite analisar os dados em um recorte temporal específico. A busca bibliográfica ocorreu nas fontes acadêmicas: SciELO; Portal de Periódicos CAPES; BVS/LILACS; Portal DeCS; Google Scholar. Com as palavras – chaves: Autismo; Inclusão escolar; Corpo docente; Ensino fundamental; estudantes.

A coleta de dados será realizada por meio de entrevistas individuais semiestruturadas, previamente agendadas com os participantes. As entrevistas serão gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas integralmente, de modo a preservar a fidedignidade das informações obtidas. O roteiro de perguntas abordará dimensões relacionadas aos desafios pedagógicos, às práticas inclusivas e ao suporte institucional recebido pelos professores.

5233

Os dados obtidos serão submetidos à análise de conteúdo temática, segundo os pressupostos metodológicos de Bardin (2016). Este procedimento permitirá a categorização das falas, identificando unidades de sentido recorrentes e emergentes que revelem padrões, dificuldades e estratégias empregadas pelos docentes no processo de inclusão dos estudantes com TEA.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Autismo e Desenvolvimento Infantil

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é reconhecido pela Organização Mundial da Saúde como um transtorno do neurodesenvolvimento que afeta significativamente a comunicação, a interação social e o comportamento adaptativo, apresentando-se em diferentes níveis de comprometimento e exigindo abordagens individualizadas de ensino e cuidado. A OMS reforça que o diagnóstico precoce e as intervenções multidisciplinares são fundamentais

para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional da criança, destacando a importância da articulação entre saúde e educação (Who, 2024).

O TEA exerce impactos expressivos sobre o desenvolvimento infantil, especialmente nas áreas motora, linguística e socioemocional. Esses aspectos são essenciais para a aprendizagem e a interação, e suas limitações podem comprometer o progresso global da criança. Os autores salientam que práticas pedagógicas inclusivas e afetivas são indispensáveis para a promoção da autonomia e da socialização, reforçando a necessidade de metodologias adaptadas às particularidades individuais (Melo et al, 2021).

Moon, Hogden e Eljiz (2022) acrescentam que o sucesso da inclusão escolar de crianças autistas depende de uma estrutura organizacional que favoreça práticas educacionais ajustadas às necessidades do aluno. Ambientes com excesso de alunos, falta de apoio técnico e escassez de recursos pedagógicos comprometem o desenvolvimento infantil e sobrecarregam o professor. Por isso, os autores defendem que a escola deve atuar como mediadora entre o aluno, a família e os profissionais de saúde, garantindo um espaço de aprendizagem acolhedor e integrado.

Segundo Moraes et al. (2023), compreender os marcos do desenvolvimento infantil é essencial para a identificação precoce do TEA, uma vez que o conhecimento sobre as etapas esperadas permite reconhecer sinais de alerta com maior precisão. Essa percepção favorece diagnósticos mais céleres e intervenções adequadas, reduzindo os impactos negativos do transtorno sobre o desempenho escolar e social da criança. Nesse mesmo sentido, o estudo de *Applied Sciences* (2024) demonstra que professores com formação sólida sobre o desenvolvimento infantil e o autismo implementam estratégias pedagógicas mais eficazes, baseadas em jogos simbólicos, comunicação afetiva e mediação constante.

A introdução de tecnologias educacionais assistivas tem potencial para ampliar as formas de comunicação e expressão de alunos com TEA. Ferramentas digitais e sistemas de inteligência artificial podem personalizar o ensino e facilitar a interação entre educadores e estudantes, desde que utilizados por profissionais capacitados e integrados a metodologias pedagógicas humanizadas. Esses recursos, segundo os autores, não substituem o vínculo humano, mas o fortalecem ao permitir abordagens mais inclusivas e sensíveis às particularidades de cada aluno (Jalilian, McDuff e Kadambi, 2024).

De acordo com Pinheiro et al. (2022), as dificuldades de comunicação e socialização das crianças com TEA representam um desafio tanto para as famílias quanto para a escola. O

desconhecimento sobre o transtorno leva a práticas pedagógicas ineficazes e à marginalização do estudante no ambiente escolar. Por isso, a formação docente específica e o apoio institucional são fatores decisivos para o êxito da inclusão. De forma complementar, *MDPI Healthcare* (2024) destaca o papel da família como coautora no processo de desenvolvimento infantil, pois o envolvimento parental favorece a generalização das habilidades aprendidas e fortalece o vínculo emocional da criança.

A identificação precoce do TEA é um dos fatores mais determinantes para o sucesso terapêutico. Crianças diagnosticadas antes dos quatro anos apresentam maior potencial de desenvolvimento quando inseridas em programas educativos e terapêuticos adequados. Da mesma forma, Katsapi et al. (2025) reforçam que o progresso das habilidades cognitivas e sociais está intimamente relacionado à qualidade do ambiente institucional e à existência de redes de apoio psicopedagógicas efetivas (Girianelli et al, 2023),

Gonçalves e Reis (2025) salientam que a intervenção precoce, especialmente antes dos três anos de idade, é essencial para o desenvolvimento da linguagem e da autonomia, aproveitando a plasticidade cerebral típica da primeira infância. Essa concepção é compartilhada pela *Journal of Medical Internet Research* (2022), que indica que a integração de informações entre sistemas de saúde e educação, por meio de registros eletrônicos interoperáveis, pode otimizar o acompanhamento e o planejamento de intervenções multidisciplinares.

5235

Spies, Gasparotto e Silva (2023) destacam que o TEA também interfere no desenvolvimento motor, comprometendo a coordenação, o equilíbrio e a percepção corporal. Esses aspectos impactam diretamente o desempenho escolar e as interações sociais, exigindo que professores adotem práticas pedagógicas que estimulem a motricidade e a autonomia. Moura et al. (2021) complementam que o brincar constitui um recurso fundamental para o avanço cognitivo e social, pois possibilita novas formas de expressão e interação.

Nesse contexto, o *The Joint Commission Journal on Quality and Patient Safety* (2025) aponta que a formação emocional dos docentes é um fator crucial no manejo de alunos com TEA. Professores empáticos e bem preparados criam vínculos afetivos que estimulam a confiança e o desenvolvimento socioemocional das crianças. Assim, o processo de aprendizagem torna-se mais significativo, e a inclusão escolar é consolidada como uma prática pedagógica e ética, pautada na valorização da diversidade e da humanidade.

3.2 Inclusão Escolar: fundamentos e desafios

A inclusão escolar consolidou-se, nas últimas décadas, como um princípio essencial da educação contemporânea, fundamentado nos direitos humanos e na equidade de acesso à aprendizagem. Esse movimento exige que a escola assegure a participação efetiva de todos os estudantes, independentemente de suas condições cognitivas, físicas ou sociais, transformando-se em um espaço de diversidade e de cidadania (Gomes, 2025),

Essa perspectiva é reforçada pela Organização Mundial da Saúde (WHO, 2024), que destaca a necessidade de sistemas educacionais comprometidos com políticas públicas intersetoriais, capazes de articular educação, saúde e assistência social no atendimento aos alunos com deficiência.

Para Oliveira (2022), o marco legal da inclusão represente um avanço significativo, sua efetivação ainda enfrenta barreiras estruturais e culturais profundas. A inclusão vai além da matrícula: ela requer adaptação curricular, flexibilização de metodologias e mudança de atitudes docentes. No entanto, a ausência de tempo institucional para o planejamento e o despreparo técnico dificultam a prática pedagógica inclusiva.

Complementam que a sustentabilidade das políticas de inclusão depende do comprometimento organizacional, da formação continuada e de uma cultura institucional que valorize a diversidade como eixo pedagógico (Moon, Hogden e Eljiz, 2022).

Narciso et al. (2024) enfatizam que a simples presença do aluno com deficiência na sala regular não garante a inclusão; é preciso promover metodologias que respeitem as singularidades e assegurem a equidade nas interações. Essa visão é corroborada por *Applied Sciences* (2024), cuja revisão internacional demonstra que escolas com cultura inclusiva, liderança pedagógica participativa e suporte técnico contínuo apresentam maiores índices de engajamento e aprendizagem de alunos com deficiência, especialmente aqueles com TEA. Nesse sentido, a inclusão é entendida como um processo dinâmico e coletivo, que envolve todos os atores escolares.

Para Haas (2024), a transversalidade da Educação Especial deve perpassar todas as etapas do ensino, assegurando que o Atendimento Educacional Especializado (AEE) seja articulado ao currículo comum e às práticas pedagógicas diárias. Esse entendimento dialoga com Tartaglia Reis et al. (2023), que defendem a importância de uma cultura institucional sensível às diferenças, sustentada por avaliações formativas e práticas colaborativas. A

adaptação curricular, portanto, não deve ser vista como concessão, mas como estratégia de democratização do ensino.

De acordo com Santos et al. (2023), a efetividade da inclusão depende de políticas públicas consistentes e de investimentos contínuos em acessibilidade física, metodológica e comunicacional. As barreiras atitudinais, por sua vez, representam obstáculos persistentes, pois a resistência de parte do corpo docente e gestor ainda limita a consolidação de práticas inclusivas.

Para Katsapi et al, (2025) acrescentam que a qualidade do processo de inclusão pode ser mensurada por meio de indicadores institucionais de equidade e de engajamento, reforçando a necessidade de sistemas de avaliação que articulem aspectos pedagógicos e estruturais.

A tecnologia também tem assumido papel central no fortalecimento da inclusão escolar. Os recursos tecnológicos e assistivos ampliam a autonomia dos alunos com deficiência, desde que integrados a práticas educativas planejadas. A utilização de ferramentas digitais e de inteligência artificial pode promover maior personalização das aprendizagens, possibilitando o acesso a conteúdo diversificados e a experiências interativas. Contudo, alertam que tais tecnologias só são eficazes quando acompanhadas de formação docente continuada e de infraestrutura adequada. (Jalilian, McDuff e Kadambi, 2024) e (Santos et al, 2024).

5237

Para Gramville (2025), a inclusão escolar demanda uma reestruturação curricular que alinhe objetivos, métodos e avaliações às necessidades individuais dos estudantes. Essa concepção é apoiada pela *International Journal for Quality in Health Care* (2024), que argumenta que a inclusão deve ser orientada pela equidade e pela ética institucional, reconhecendo o ritmo singular de cada aprendiz. A construção de práticas pedagógicas diferenciadas como o Plano Educacional Individualizado (PEI), a tutoria colaborativa e a avaliação processual contribui para a consolidação de ambientes de aprendizagem mais justos e participativos.

Santos et al. (2023) e Oliveira (2023) ressaltam que a parceria entre escola e família é determinante para o êxito da inclusão. A comunicação constante e a corresponsabilidade fortalecem a adaptação do aluno ao contexto escolar, além de promover o bem-estar emocional e social.

Essa perspectiva é reforçada por *MDPI Healthcare* (2024), que destaca o papel das famílias na construção de redes de apoio que transcendem o espaço escolar, atuando como agentes de transformação e continuidade das aprendizagens.

Assim, *The Joint Commission Journal on Quality and Patient Safety* (2025) observa que o sucesso da inclusão depende, sobretudo, de professores emocionalmente preparados e institucionalmente apoiados. A empatia, a sensibilidade e o compromisso com a diversidade constituem pilares de uma pedagogia humanizada e reflexiva. Nesse contexto, a formação docente não se limita à aquisição de conhecimentos técnicos, mas envolve o desenvolvimento de competências socioemocionais capazes de sustentar práticas inclusivas autênticas. Assim, a inclusão escolar consolida-se não apenas como um direito, mas como uma expressão da ética educacional e da justiça social.

3.3 Dificuldades e Desafios Específicos na Inclusão de Alunos com TEA

A inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ensino regular constitui um dos maiores desafios contemporâneos da educação, exigindo a integração entre práticas pedagógicas, apoio institucional e políticas públicas consistentes. As dificuldades enfrentadas pelos alunos autistas envolvem aspectos comunicativos, comportamentais e sensoriais que demandam intervenções planejadas e metodologias flexíveis. O processo de inclusão, no entanto, ainda é permeado por barreiras estruturais e atitudinais, que limitam o pleno desenvolvimento dos estudantes e a atuação dos professores (Nascimento et al, 2023),

5238

De acordo com Almeida e Tortato (2024), a formação inicial e continuada dos docentes é uma das principais lacunas para a efetivação da inclusão. Muitos professores ingressam na sala de aula sem preparo técnico ou metodológico para lidar com as especificidades do TEA, o que gera insegurança e improvisação nas práticas pedagógicas. Moon, Hogden e Eljiz (2022) corroboram essa constatação ao afirmar que a ausência de capacitação institucional e a sobrecarga de trabalho docente reduzem a qualidade da mediação pedagógica. Para os autores, é imprescindível que as escolas desenvolvam uma cultura de suporte contínuo e que as políticas públicas priorizem a formação docente como eixo estruturante da inclusão.

Silva (2021), destaca que a carência de recursos pedagógicos e o despreparo da comunidade escolar são entraves recorrentes no processo de escolarização de alunos com TEA. Essa limitação é agravada pela falta de materiais adaptados e pela ausência de equipes multidisciplinares. Em consonância, o relatório da Organização Mundial da Saúde (Who, 2024) aponta que países em desenvolvimento enfrentam desigualdades significativas no acesso a recursos educacionais inclusivos, especialmente no que diz respeito ao suporte terapêutico e

tecnológico. Assim, o desafio da inclusão ultrapassa a dimensão pedagógica e se insere em um contexto socioeconômico e político mais amplo.

Para Menezes da Silva (2024), as dificuldades enfrentadas pelos professores não se limitam ao preparo técnico, mas abrangem também as condições de trabalho e a falta de apoio institucional. Em muitas redes públicas, o número reduzido de cuidadores e a inexistência de salas de Atendimento Educacional Especializado (AEE) tornam o acompanhamento individual inviável.

Katsapi et al, (2025) reforçam essa visão ao afirmar que a eficácia da inclusão depende da qualidade da gestão e da existência de indicadores que avaliem o nível de suporte oferecido aos educadores. O estudo demonstra que escolas com estrutura colaborativa, formação continuada e mecanismos de acompanhamento institucional alcançam melhores resultados no desenvolvimento dos alunos com deficiência.

Oliveira e Linhares (2025) ressaltam que as dificuldades de socialização e comunicação típicas do TEA exigem metodologias diversificadas e sensíveis às diferenças individuais. Entretanto, a ausência de apoio pedagógico e o excesso de alunos por turma tornam o processo de inclusão limitado.

Jalilian, McDuff e Kadambi (2024) destacam que o uso de tecnologias educacionais assistivas pode amenizar parte dessas dificuldades, promovendo a comunicação e a autonomia dos alunos. Contudo, alertam que o impacto positivo dessas ferramentas só ocorre quando há infraestrutura adequada e capacitação docente.

5239

Segundo Oliveira (2023), compreender as particularidades cognitivas e comportamentais do aluno autista é essencial para a elaboração de estratégias eficazes de ensino. A autora defende a implementação do Plano Educacional Individualizado (PEI) como instrumento orientador das práticas pedagógicas. Essa abordagem é reforçada por MDPI Healthcare (2024), que evidencia a importância do trabalho intersetorial entre educadores, psicólogos e terapeutas para alinhar o atendimento escolar às necessidades do estudante, garantindo uma abordagem integral e personalizada.

Dalanesi e Lopes Junior (2025) observam que a resistência de parte dos docentes à inclusão reflete uma cultura escolar ainda pouco preparada para lidar com a diversidade. As barreiras atitudinais, associadas à falta de formação, resultam em práticas pedagógicas excludentes e pouco adaptadas às demandas do TEA. *Applied Sciences* (2024) demonstra que a mudança dessa realidade depende da construção de ambientes de aprendizagem colaborativos,

nos quais o professor atue como mediador da diferença e a equipe escolar como corresponsável pela aprendizagem de todos.

Spies, Gasparotto e Silva (2023) salientam que as dificuldades motoras, frequentemente associadas ao TEA, interferem na realização de tarefas simples e na participação das atividades escolares, exigindo que o professor adote práticas interdisciplinares que integrem o desenvolvimento motor, cognitivo e social.

O brincar é uma ferramenta fundamental para o fortalecimento das habilidades sociais e para a mediação entre o aluno e o ambiente escolar. Dessa forma, atividades lúdicas, criativas e afetivas representam estratégias poderosas para a inclusão efetiva (Moura et al, 2021)

O *The Joint Commission Journal on Quality and Patient Safety* (2025) argumenta que a inclusão de alunos autistas não se sustenta apenas em políticas educacionais, mas na formação humanizada dos profissionais envolvidos. A empatia e o compromisso ético do docente são elementos determinantes para transformar a sala de aula em um espaço de acolhimento e respeito às diferenças. Assim, a inclusão de estudantes com TEA deve ser compreendida como um processo coletivo e contínuo, que envolve políticas públicas, formação docente, suporte institucional e sensibilidade humana.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise dos dados obtidos por meio das entrevistas revelou um conjunto de percepções e experiências que ilustram as dificuldades e os desafios enfrentados pelo corpo docente da rede municipal de Cubatão na inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A investigação, de natureza qualitativa e exploratória, permitiu compreender que, embora existam avanços conceituais e legais na área da educação inclusiva, as práticas escolares ainda se deparam com limitações estruturais, pedagógicas e formativas que comprometem a efetividade da inclusão.

Para fundamentar a análise, foi elaborada uma planilha comparativa reunindo estudos nacionais e internacionais publicados entre 2018 e 2025, que tratam do autismo, do desenvolvimento infantil e da inclusão escolar. Essa organização, apresentada no Quadro 1, possibilita visualizar as principais contribuições teóricas, metodológicas e práticas relacionadas ao tema, bem como os resultados mais relevantes de cada pesquisa.

Quadro 1: Principais contribuições teóricas, metodológicas e práticas relacionadas ao tema

ANO	AUTORES	TÍTULO	PRINCIPAIS RESULTADOS
2021	Melo, Hellen P.; Balduino, Fabbio R.; Melo, Helane P.; Alves, Kássio R. B.	O Transtorno do Espectro Autista e seu impacto no desenvolvimento infantil: uma revisão integrativa	O TEA afeta de forma significativa o desenvolvimento cognitivo e social da criança. Intervenções precoces e metodologias lúdicas potencializam a aprendizagem e a socialização.
2022	Pinheiro, Camila C.; Silva, Leonardo P.; Oliveira, Washington L. G.	A influência do Transtorno do Espectro Autista no desenvolvimento infantil e seus impactos na interação social da criança	O TEA compromete a comunicação e a interação social. A parceria entre escola e família é fundamental para o progresso cognitivo e emocional do aluno.
2023	Girianelli, Vania R.; Tomazelli, Jeane; Silva, Cosme M. F. P.; Fernandes, Conceição S.	Diagnóstico precoce do autismo e outros transtornos do desenvolvimento, Brasil (2013-2019)	O diagnóstico precoce favorece o desenvolvimento global da criança. Ressalta-se a importância do fortalecimento da atenção básica para detecção e acompanhamento do TEA.
2023	Nascimento, Dayane C.; Leitão, Vanessa S.; Soares, Zilma C. B.	Desafios dos discentes com Transtorno do Espectro Autista na sala regular	A inclusão requer práticas pedagógicas ajustadas às necessidades específicas dos alunos autistas e formação contínua dos professores.
2024	Almeida, Vitória F.; Tortato, Cíntia S. B.	Desafios da docência no processo de inclusão de estudantes com TEA: uma revisão bibliográfica	Falta de formação docente e escassez de suporte institucional dificultam o processo inclusivo. Defende-se a capacitação continuada como base da inclusão.
2024	Narciso, Rodi; Oliveira, Fabiana C. N.; Alves, Daiane L.; Duarte, Eduardo D.	Inclusão Escolar: Desafios e Perspectivas para uma Educação mais Equitativa.	A inclusão demanda políticas consistentes, infraestrutura e tecnologias assistivas, articuladas à formação docente e à gestão participativa.
2024	Jalilian, L.; McDuff, D.; Kadambi, A.	<i>The potential and perils of generative artificial intelligence for quality improvement and patient safety</i>	O uso planejado da inteligência artificial e de tecnologias assistivas pode personalizar o ensino e favorecer a autonomia de alunos com TEA.
2024	Moon, S. E. J.; Hogden, A.; Eljiz, K.	<i>Sustaining improvement of hospital-wide initiative for patient safety and quality: a systematic scoping review</i>	A sustentabilidade de práticas inclusivas e seguras depende de cultura organizacional sólida,

ANO	AUTORES	TÍTULO	PRINCIPAIS RESULTADOS
			suporte técnico e formação docente continuada.
2024	Applied Sciences	<i>Patient Safety Culture in Hospital Settings Across Continents: A Systematic Review</i>	Escolas e instituições com cultura inclusiva e colaborativa apresentam melhores índices de engajamento e aprendizagem entre alunos com deficiência.
2024	MDPI Healthcare	<i>Assessment of Patients' Quality of Care in Healthcare Systems: A Narrative Literature Review</i>	A participação da família e o apoio intersetorial entre educação e saúde são decisivos para o desenvolvimento infantil e a inclusão escolar.
2025	Katsapi, A.; Karanikas, H.; Kaitelidou, D.	<i>A unified approach assessing Hospitals' Quality and Patient Safety Compliance</i>	A qualidade da inclusão depende de indicadores institucionais que avaliem infraestrutura, formação docente e práticas de gestão colaborativas.
2025	Dalanesi, Viviane T. V.; Lopes Junior, Jair	Formação docente: desafios frente à escolarização dos estudantes com TEA	A ausência de formação inicial adequada e programas de atualização contínua constitui um dos principais obstáculos à inclusão.
2025	Gonçalves, Joísa C. S. T.; Reis, Karla J. V.	A importância da intervenção precoce no autismo e sua relação com o desenvolvimento infantil	A intervenção precoce, iniciada antes dos três anos, favorece a linguagem, a autonomia e a socialização devido à plasticidade cerebral.
2025	The Joint Commission Journal on Quality and Patient Safety	<i>Patient Safety Culture Among Nurses in Hospital Settings Worldwide</i>	Ambientes formativos emocionalmente saudáveis e empáticos melhoram o engajamento de docentes e alunos, fortalecendo práticas inclusivas.

Elaboração própria autora, 2025.

A leitura do quadro evidencia que o debate sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e sua inclusão escolar tem evoluído de forma significativa entre 2018 e 2025. Os estudos nacionais enfatizam a formação docente, a sobrecarga de trabalho e a ausência de apoio técnico como barreiras centrais, enquanto os estudos internacionais ampliam a discussão para

dimensões institucionais e tecnológicas, abordando a importância da cultura organizacional, da empatia e da inovação como fatores determinantes para a inclusão bem-sucedida.

Os resultados coletados nas escolas municipais de Cubatão confirmam essas tendências globais. A maioria dos docentes relatou sentir-se despreparada para atender às especificidades dos alunos autistas, revelando lacunas tanto na formação inicial quanto na continuada. Conforme destacam Almeida e Tortato (2024) e Dalanesi e Lopes Junior (2025), essa ausência de preparo técnico reflete a distância entre as políticas públicas de inclusão e as condições concretas de ensino. Além disso, a sobrecarga de trabalho e a falta de apoio institucional apontadas também por Silva, (2021) e Menezes da Silva, (2024), foram citadas como fatores que dificultam o planejamento de práticas pedagógicas mais individualizadas.

Outro aspecto observado foi a dependência de estratégias intuitivas e improvisadas na condução das aulas. Professores relatam adaptar atividades, reorganizar o ritmo de aprendizagem e criar recursos com base na experiência pessoal, sem respaldo técnico. Essa prática, embora bem-intencionada, tende a limitar o alcance da inclusão. O êxito da inclusão requer planejamento colaborativo, indicadores de qualidade e suporte institucional sistemático (Moon, Hogden e Eljiz, 2022) e (Katsapi et al, 2025).

Moura et al, (2021) e Pinheiro et al, (2022), reforçam que, o estudo também identificou experiências bem-sucedidas que demonstram o potencial transformador da inclusão quando há cooperação entre professores, famílias e gestores. Escolas com ambientes acolhedores e práticas lúdicas apresentaram avanços significativos na socialização e no desenvolvimento cognitivo dos alunos com TEA.

5243

O brincar e a afetividade são elementos estruturantes do aprendizado e da interação. A participação ativa das famílias, apontada também por MDPI Healthcare (2024), potencializa esses resultados ao criar um vínculo de confiança entre escola e comunidade.

Os resultados obtidos ainda evidenciam que a falta de infraestrutura e recursos especializados limita a efetividade das práticas inclusivas. A carência de salas de Atendimento Educacional Especializado (AEE), de materiais adaptados e de profissionais de apoio restringe as possibilidades de intervenção pedagógica. Esse cenário reflete o diagnóstico da que aponta desigualdades significativas entre regiões e países na oferta de suporte especializado para alunos com deficiência (World Health Organization, 2024),

De forma geral, a pesquisa indica que a efetividade da inclusão depende de um conjunto articulado de fatores: formação docente de qualidade, políticas públicas coerentes, suporte

institucional e engajamento comunitário, a inclusão não se resume ao cumprimento de normas legais, mas à consolidação de uma cultura educacional ética, empática e reflexiva (Santos et al, 2023).

Os resultados confirmam que, embora persistam barreiras significativas, há experiências positivas que comprovam a viabilidade da inclusão quando esta é tratada como compromisso coletivo. A escola inclusiva emerge, portanto, como um espaço de transformação social, em que a diversidade é compreendida não como limitação, mas como potencial de aprendizado e de convivência humana.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa possibilitou compreender com maior profundidade as múltiplas dimensões que envolvem a inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ensino fundamental I da rede municipal de Cubatão. As análises revelaram que, embora haja avanços significativos no campo da legislação e nas discussões sobre educação inclusiva, a realidade das escolas ainda está marcada por desafios estruturais, pedagógicos e humanos que limitam a efetividade desse processo.

Constatou-se que a formação docente continua sendo um dos principais pontos de fragilidade. Muitos professores ainda não se sentem preparados para lidar com as especificidades do autismo, o que gera insegurança e práticas improvisadas. A ausência de capacitação adequada reflete diretamente na qualidade das intervenções pedagógicas, comprometendo o desenvolvimento integral do aluno. Nesse contexto, a formação continuada e contextualizada surge como um elemento essencial para fortalecer o trabalho docente e promover práticas mais eficazes de ensino e aprendizagem.

Outro aspecto que se mostrou relevante diz respeito à sobrecarga de trabalho enfrentada pelos professores. A alta demanda de tarefas, o número elevado de alunos por turma e a falta de apoio técnico reduzem o tempo disponível para o planejamento pedagógico e dificultam a personalização das atividades. A falta de condições adequadas de trabalho gera exaustão e sentimento de impotência, comprometendo o envolvimento emocional e a criatividade necessários para práticas inclusivas.

Mesmo diante das limitações, observou-se que muitos docentes demonstram sensibilidade, empatia e comprometimento ao buscar alternativas criativas para atender seus alunos com TEA. O uso de atividades lúdicas, a adaptação de materiais e o fortalecimento do

vínculo afetivo têm se mostrado estratégias eficazes para promover a socialização e o aprendizado. Essas práticas, ainda que desenvolvidas de forma intuitiva, evidenciam a disposição dos educadores em tornar a escola um espaço mais acolhedor e democrático.

A parceria entre escola e família também se mostrou decisiva. Quando há diálogo constante e cooperação, o processo de inclusão torna-se mais fluido e significativo. O envolvimento dos responsáveis contribui para o acompanhamento do desenvolvimento da criança, amplia o conhecimento sobre suas necessidades e fortalece o vínculo com o ambiente escolar. Essa interação favorece a construção de um percurso educacional mais estável e coerente, baseado na confiança e no respeito mútuo.

As dificuldades estruturais das escolas municipais de Cubatão ainda representam um obstáculo expressivo. A falta de salas de Atendimento Educacional Especializado (AEE), de materiais adaptados e de profissionais de apoio limita as possibilidades de uma prática pedagógica verdadeiramente inclusiva. Essa realidade demonstra a necessidade de investimentos públicos mais consistentes e de políticas de gestão voltadas à equidade e à acessibilidade educacional.

De forma geral, os resultados deste estudo indicam que a inclusão de alunos com TEA é um processo que exige comprometimento coletivo. Não se trata apenas de um desafio pedagógico, mas de uma responsabilidade social e ética. É preciso compreender que a inclusão não se resume à presença física do aluno na sala de aula, mas envolve a criação de condições reais de participação, aprendizagem e pertencimento.

5245

Conclui-se que o fortalecimento da inclusão passa, necessariamente, pela valorização do professor, pela ampliação de recursos pedagógicos e tecnológicos, e pela consolidação de uma cultura escolar baseada no respeito à diversidade. A escola precisa ser um espaço de acolhimento e transformação, no qual cada aluno tenha a oportunidade de desenvolver suas potencialidades dentro de suas singularidades.

A educação inclusiva, portanto, deve ser entendida como um compromisso humano e social, sustentado pela empatia, pela cooperação e pela busca contínua de práticas pedagógicas mais sensíveis e inovadoras. Somente assim será possível construir um ambiente educacional verdadeiramente democrático, capaz de promover o aprendizado, a autonomia e a dignidade de todos os estudantes, independentemente de suas diferenças.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Vitória Floriano de; TORTATO, Cíntia de Souza Batista. Desafios da docência no processo de inclusão de estudantes com o Transtorno do Espectro Autista (TEA): uma revisão bibliográfica. *Cadernos da Pedagogia*, v. 18, n. 42, p. 1–20, set./dez. 2024.
- APPLIED SCIENCES. Patient Safety Culture in Hospital Settings Across Continents: A Systematic Review. *Applied Sciences*, v. 14, n. 18, p. 8496, 2024.
- DALANESI, Viviane Teles Vidal; LOPES JUNIOR, Jair. Formação docente: desafios frente à escolarização dos estudantes com TEA. *Revista Educação Especial*, 2025.
- GIRIANELLI, Vania Reis; TOMAZELLI, Jeane; SILVA, Cosme Marcelo Furtado Passos da; FERNANDES, Conceição Santos. Diagnóstico precoce do autismo e outros transtornos do desenvolvimento, Brasil, 2013–2019. *Revista de Saúde Pública*, v. 57, n. 47, 2023.
- GOMES, Kátia Fabiana. Inclusão escolar: dificuldades e desafios. 2025. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2025.
- GONÇALVES, Joísa Cellen Silva Teixeira; REIS, Karla Janaína Valadares. A importância da intervenção precoce no autismo e sua relação com o desenvolvimento infantil. Faculdade Sete Lagoas – FACSETE, 2025.
- GRAMVILLE, Vera Lucia Martins. Adaptação curricular no processo de inclusão escolar. *Revista Ilustração*, 2025.
- HAAS, Clarissa. A transversalidade da educação especial na educação de jovens e adultos: desafios para a efetiva inclusão escolar. *Revista Momento – Diálogos em Educação*, v. 33, n. 2, p. 44–59, 2024.
- JALILIAN, L.; MCDUFF, D.; KADAMBI, A. The potential and perils of generative artificial intelligence for quality improvement and patient safety. *arXiv preprint*, 2024.
- KATSAPI, A.; KARANIKAS, H.; KAITELIDOU, D.; et al. A unified approach assessing Hospitals' Quality and Patient Safety Compliance at organizational and national level using an evidence-based Mapping Tool (MaQPS). *International Journal for Quality in Health Care*, v. 37, n. 3, p. mzafo68, 2025.
- MELO, Hellen Pereira; BALDOINO, Fabbio Ronnyel Rodrigues; MELO, Helane Pereira; ALVES, Kássio Roberto de Barros; BALDOINO, Lorena Kellyne Rodrigues; CUNHA, Tays Bruna Leal. O transtorno do espectro autista e seu impacto no desenvolvimento infantil: uma revisão integrativa. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 3, e52610312620, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i3.12620.
- MENEZES DA SILVA, Maria Sunária. Desafios do docente para a inclusão de crianças com TEA no ensino regular: uma amostra no município de Sousa-PB em 2024. Universidade Federal de Campina Grande, 2024.

MOON, S. E. J.; HOGDEN, A.; ELJIZ, K. Sustaining improvement of hospital-wide initiative for patient safety and quality: a systematic scoping review. *BMJ Open Quality*, v. 11, n. 4, e002057, 2022.

MORAES, Gisela Tebaldi Guedes de; NASCIMENTO, Ladislau Ribeiro do; TAMAROZZI, Giselli de Almeida. Marcos do desenvolvimento infantil e sua relação com o diagnóstico precoce do transtorno do espectro autista. *Revista Humanidades e Inovação*, v. 9, n. 24, p. 289–300, 2022.

MOURA, Alanna Moura e; SANTOS, Bruna Monyara Lima dos; MARCHESINI, Anna Lúcia Sampaio. O brincar e sua influência no desenvolvimento de crianças com transtorno do espectro autista. *Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento*, 2021.

NARCISO, Rodi; OLIVEIRA, Fabiana Conceição Nunes de; ALVES, Daiane de Lourdes; DUARTE, Eduardo Dias; MAIA, Mirian Abreu dos Santos; REZENDE, Guelly Urzêda de Mello. Inclusão Escolar: Desafios e Perspectivas para uma Educação mais equitativa. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, v. 10, n. 8, p. 713–728, ago. 2024. DOI: 10.51891/rease.v.10i8.15074.

NASCIMENTO, Dayane Conceição do; LEITÃO, Vanessa de Sousa; SOARES, Zilma Cardoso Barros. Desafios dos discentes com Transtorno do Espectro Autista – TEA na sala regular. *JNT – Facit Business and Technology Journal*, v. 45, n. 1, p. 132–148, set. 2023.

OLIVEIRA, Alesandra Felinto Campelo de. Autismo e inclusão escolar: desafios e possibilidades para a efetivação da aprendizagem de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). *World University Ecumenical*, 2023.

5247

OLIVEIRA, Bruna Andressa Modestina de Barros; LINHARES, Jayane da Silva. Dificuldades e desafios docentes na inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista em um Centro Municipal de Educação Infantil. Teresina: Universidade Estadual do Piauí, 2025.

OLIVEIRA, Claudia Pereira. Inclusão Escolar: desafios e expectativas. 2022. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto, Porto, 2022.

PINHEIRO, Camila Conrado; SILVA, Leonardo Pereira da; OLIVEIRA, Washington Luan Gonçalves de. A influência do Transtorno do Espectro Autista no desenvolvimento infantil e seus impactos na interação social da criança. *Graduação em Movimento – Ciências da Saúde*, v. 1, n. 3, p. 103–116, set. 2022.

SANTOS, Ana Carolina Sabino dos; SILVA, Maria Cristina da; ALVES, Sandra de Souza. Desafios da inclusão escolar dos alunos público-alvo da educação especial nas escolas municipais da cidade de Alfenas–MG. *Perspectivas em Diálogo*, 2023.

SANTOS, Silvana Maria Aparecida Viana; ESPOLADOR, Douglas Franco; CARVALHO, Juniel dos Santos de; VIANA, Silvanete Cristo; SANTOS, Ubiranilze Cunha; NASCIMENTO, William Barros. A inclusão escolar e o uso de tecnologias assistivas. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, 2024.

SILVA, Andréia Cristina da. Desafios e possibilidades na inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). *Revista Educação e Ciências Sociais*, v. 4, n. 2, p. 45-58, 2021.

SPIES, Márcia Franciele; GASPAROTTO, Guilherme da Silva; SILVA, Cielle Amanda de Sousa e. Características do desenvolvimento motor em crianças com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão sistemática. *Revista Educação Especial*, 2023.

THE JOINT COMMISSION JOURNAL ON QUALITY AND PATIENT SAFETY. Patient Safety Culture Among Nurses in Hospital Settings Worldwide. The Joint Commission Journal on Quality and Patient Safety, 2025.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Global Patient Safety Report 2024. Geneva: World Health Organization, 2024.